ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL DOM BOSCO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
CURSO DE LETRAS

MÁRIO GABRIEL LIMA LINS CHAVES

A IMPORTÂNCIA DE FLORBELA ESPANCA PARA OS LEITORES CONTEMPORÂNEOS

RESENDE
2021

MÁRIO GABRIEL LIMA LINS CHAVES

A IMPORTÂNCIA DE FLORBELA ESPANCA PARA OS LEITORES CONTEMPORÂNEOS

Monografia apresentada à Associação Educacional Dom Bosco, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, Curso de Letras, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Letras – Português/Literatura.

Orientador: Prof. MSc. William da Rosa Monteiro

RESENDE
2021

MÁRIO GABRIEL LIMA LINS CHAVES

A IMPORTÂNCIA DE FLORBELA ESPANCA PARA OS LEITORES CONTEMPORÂNEOS

BANCA EXAMINADORA

_____

Professor MSc. William da Rosa Monteiro

_____

Professor Carlos Henrique Lopes Batista

APROVADO COM A NOTA: _____

Resende, 22 de outubro de 2021

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem o propósito de analisar, em linhas gerais, a literatura florbeliana, através dos estudos teóricos da doutora Renata Soares Junqueira; demonstrar, através de um rápido enfoque na teoria feminista de Simone de Beuvoir e no prefácio escrito por Natália Correia para o último livro escrito em vida de Florbela Espanca, a veracidade na concretude das características da poetisa alentejana em se alçar além de seu tempo; compreender o gênero lírico através da poesia florbeliana e desenvolver estudos básicos acerca da estrutura lírica e teatral contemplada em seus poemas. Com base na teórica Renata Soares, que dedicou grande parte de seu tempo para desenvolver seus estudos acerca de Florbela Espanca, afirmar-se a importância da leitura de tal poetisa na contemporaneidade, trazendo novas perspectivas para uma artista deveras marginalizada em seu tempo. Tais fatores serão analisados por meio de pesquisa bibliográfica e análise da obra poética de Florbela Espanca.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; Gênero Lírico; Teatralidade; Feminismo.

ABSTRACT

This course conclusion work aims to analyze the Florbelian literature in general, through the theoretical studies of Dr. Renata Soares Junqueira; demonstrate, through a quick focus on the feminist theory of Simone de Beuvoir and on the preface written by Natália Correia to the last book written in Florbela spanca's life, the veracity in the concreteness of the characteristics of the poetess from Alentejo in reaching beyond her time; understand the lyrical genre through Florbelian poetry and develop basic studies about the lyrical and theatrical structure contemplated in her poems. Based on the theoretical Renata Soares, who devoted much of her time to developing her studies about Florbela Espanca, affirming the importance of reading such a poet in contemporary times, bringing new perspectives for an artist who was truly marginalized in her time. . Such factors will be analyzed through bibliographical research and analysis of Florbela Espanca's poetic books and her poetic works.

Keywords: Portuguese Literature; Lyrical Genre; Theatricality; Feminism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 8

2 VIDA E OBRA DA POETISA ALÉM DE SEU TEMPO..... 10

2.1 A POETISA ALÉM DE SEU TEMPO EM UM CONTEXTO PATRIARCAL.....17

3 HOUVE INTERLOCUÇÃO ENTRE FLORBELA E JUDITH TEIXEIRA?..... 24

4 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS OBRAS DE FLORBELA NO SISTEMA DUCACIONAL BRASILEIRO.....27

5 CONCLUSÃO..... 28

REFERÊNCIAS..... 29

1 INTRODUÇÃO

Podemos pressupor que a contemporaneidade trouxe consigo diversos avanços nas áreas culturais, políticas e sociais, onde os indivíduos agem com ampla liberdade, na maioria dos contextos, para se expressar da forma que necessitam. Todavia, os tempos atuais ainda carregam grande carga patriarcal herdada de tempos passados, criando barreiras para a expressão do feminino, seja na arte ou em outras formas, objetivas ou subjetivas de comunicação que, vale salientar, foram construídas em um passado que negligenciou, em diversos meios, a liberdade das mulheres perante o todo.

A presente monografia contemplará a vida e a obra da poetisa portuguesa que, até o presente momento, não fora, apesar de sua grandeza, objeto de pesquisa em muitos trabalhos acadêmicos. Ademais, Florbela da Conceição Espanca, cuja persona poética também é de grande valia para este Trabalho de Conclusão de Curso, nasceu aos fins do século XIX, se desenvolveu, veio a falecer no início da trigésima década do século XX e foi uma das vítimas de um contexto machista, mais especificamente em um Portugal pré e pós-republicano, no qual não obteve o reconhecimento necessário às suas obras, deveras insurgentes para um tempo em que as mulheres eram apenas o outro sexo, antagônicas ao homem, segundo regiam as normas sociais vigentes no supracitado contexto.

Outrossim o presente trabalho acadêmico dará enfoque ao gênero lírico e à máscara poética de Florbela Espanca através de um enfoque feminista, demonstrando a veracidade em suas poesias sensuais, eróticas e amorosamente belas, divergentes do que se esperava de uma poetisa portuguesa da época em que se inseria, além de abarcar também a teoria lírica e dramática, com o intuito de fazer indagações pertinentes acerca de qual escola literária em que se insere a vigente poetisa e por último e, não menos importante, iremos analisar a última obra escrita em vida pela poetisa alentejana, *O diário do último ano,* livro autobiográfico em que Florbela expõe suas quimeras líricas e a linha tênue entre a realidade e a arte e, por conseguinte, iremos problematizar o fim trágico de Florbela através de sua última obra, contestando os fatores teatrais como determinantes de sua morte, com efeito de sinonimizar os fins trágicos de diversos indivíduos na atualidade, através da ligação com Bela.

Paralelamente, a presente monografia tem o objetivo de evidenciar a importância da poetisa alentejana como mulher concreta, antagonista ao mundo de maioria masculina, onde reinava em todos os tecidos sociais a vontade do macho. Não somente, mas também possuímos

o intuito de liquefazer o conceito da supracitada mulher ser apenas mais uma poetisa dentre muitas, encaixada em determinada escola literária, fator este que empobrece a obra de uma escritora que se manteve entre a literatura *fin de siècle* e a escola literária modernista, pouco se importando em se portar como artista pertencente a esta última. Acrescentando-se que o objetivo final desta monografia é o de demonstrar a sinonímia entre a obra final de Bela, sua construção trágica e os dias atuais.

2 VIDA E OBRA DA POETISA ALÉM DE SEU TEMPO

É indubitável que a magia de Florbela Espanca trespassou os mais diversos corações ao longo das décadas, como também continua a adejar sobre as consciências dos mais diversos tipos de leitores, desde os críticos até os leigos, que se apaixonam pela lírica e pela forma da poesia florbeliana. Pode-se afirmar que Florbela assumiu, em sua realidade, certa liricidade inclusa em seus versos, impondo à vida o feitiço de sua poesia e, por mais que seja de praxe que os artistas remetam aspectos de sua arte à sua vida e vice-versa, a poetisa alentejana o faz muitas vezes de forma única, mágica, bela, adejando um histrionismo literário que apraz e seduz seus leitores, tomando para si o próprio papel de eu-lírico, utilizando o artifício da linguagem em suas cartas, seu diário e suas poesias, por exemplo, para conquistar o leitor através da perspectiva de que sua vida e sua arte andavam de mãos dadas.

Um artista representa também, quando anuncia que, desta vez, não estamos em presença da Dichtung [Poesia], mas da Wahrheit [verdade] totalmente nua, ou quando afirma que tal obra não é senão pura invenção e que, de qualquer modo, "a poesia é mentira, e o poeta, que não se põe a mentir sem escrúpulos desde a primeira palavra, não vale nada". (JAKOBSON, 1978, p. 169).

Tendo em vista o trecho supracitado de Roman Jakobson, vale salientar que todo artista competente une a Dishtung e a Wahrheit naturalmente, mas também há aqueles que de praxe são incompetentes em sua arte, seja por vontade de seguir o que manda a massa, seja por falta de coragem de antagonizar a estrutura social vigente, como a poetisa eleita fez. Contudo, Florbela demonstrava uma constância e certa unicidade nesta união, talvez com o objetivo de alcançar o alto calão de literatos ou simplesmente para desenvolver sua arte de forma plena, entretanto não nos alonguemos neste sentido, pois o que se busca aqui neste tópico é apresentar a vida e obra de Florbela Espanca, para que seus amantes e literatos compreendam o porquê da sua importância na literatura e, além disso, compreender os meandros da arte e os percalços que tão aclamada mulher enfrentou em vida e no pós-mortem.

Assim sendo, para uma total degustação dos versos da poetisa alentejana, além da compreensão da presente monografia, se faz necessária uma breve apresentação da vida e consequentemente da obra de Florbela Espanca, que encantou homens e mulheres com o canto imortalizado em seus versos. Ademais, seguiremos, então abordando a vida e obra daquela queversificou da mesma forma que Dante Alighieri percorreu as nove camadas do inferno.

Antes de tudo, vale salientar que muitos críticos e biógrafos de Florbela, como veremos

mais profundamente nos tópicos subsequentes, desenvolveram erroneamente muitos escritos, seja propositalmente para desqualificar a imagem da poetisa, seja por questões religiosas ou simplesmente pela falta de capacidade em destrinçar o real do fictício, visto que não se pode simplesmente considerar tal poetisa como uma personagem poética, já que em primeira instância foi mulher nascida em determinado contexto e assim criou sua arte e posteriormente se mesclou a ela. Outrossim, seguiremos uma linha biográfica que remete à realidade vigente e não a simples e incoerente junção de premissas falsas e demasiadas poéticas.

> ‘Quando for possível destrinçar capazmente, com serena e ampla crítica, a lenda de Florbela da poesia de Florbela, ver-se-á decerto como aquela sobrepuja a esta sem a afogar.’ Esta previsão deveras convicta do poeta e ensaísta Victorino Nemésio (1958, p. 230) aponta para o fascínio que exercem a biografia e a personalidade de Florbela Espanca sobre o seu leitor, ao mesmo tempo em que acusa, discretamente, a grande confusão que alguns críticos e biógrafos têm feito entre a vida e obra da poetisa portuguesa. (JUNQUEIRA, 1992, p. 21).

Florbela D’alma da Conceição Espanca nasceu no dia 8 de dezembro de 1894, na província do Alentejo, em Vila Viçosa. Foi concebida, assim como seu irmão, através de um relacionamento adulterioso entre seu pai, um pequeno comerciante e artista chamado João Maria Espanca e sua mãe, uma empregada doméstica chamada Antônia da Conceição Lobo. Após seu nascimento, foi levada à casa paterna, onde ficou aos cuidados da esposa de seu pai, Mariana do Carmo Inglesa Espanca, crescendo com relativo esmero por parte da madrasta e da família. Todavia, apesar de o pai da poetisa tê-la assumido socialmente, nunca chegou a assumi-la juridicamente em vida, realizando tal ato apenas 19 anos após a morte da filha, já quando era amplamente conhecida por suas obras e feitos literários, talvez por simples convenção, para ser reconhecido como o pai da poetisa eleita!

É interessante salientar que devido à apreciação artística de seu pai, que era fotógrafo e pintor, Florbela e seu irmão, Apeles Espanca, cresceram impulsionados pela arte e também pela literatura, fator este importantíssimo para o seu desenvolvimento poético, que se iniciou já aos primeiros anos de sua vida, como veremos mais profundamente adiante, além do gosto de seu irmão pela pintura, que optou por deixá-la como hobby.

Espanca era um exímio fotógrafo. Se hoje conseguimos ter um registro fotográfico da vida da poetisa Florbela Espanca, a ele o devemos. João Maria deixou um vasto espólio fotográfico de Florbela, da infância aos anos da juventude, mostrando as suas vivências num ambiente claramente influenciado pela arte, pela música, pela política e pela literatura. Um mundo que alimentou as referências da poetisa no seu primeiro contato com as letras e no desenvolvimento das suas primeiras obras.

Logo aos cinco anos de idade, Florbela inicia seus estudos primários e começa a compor seus primeiros versos quatro anos mais tarde. Seu primeiro poema aos oito anos de idade, a poetisa o nomeou *A Vida e a Morte*, vejamos a seguir:

O que é a vida e a morte
Aquella infernal enimiga
A vida é o sorriso
E a morte da vida a guarida
A morte tem os desgostos
A vida tem os felises
A cova tem a tristeza
I a vida tem as raizes
A vida e a morte são
O sorriso lisongeiro
E o amor tem o navio
E o navio o marinheiro
Auctora Flobella Espanca
em 11-11-903
com 8 annos d'idade
(*Obras Completas de Florbela Espanca)*

Aos onze anos a escritora redige seu primeiro conto, intitulado "Mama!" em homenagem à sua mãe, que se encontrava internada em um hospital psiquiátrico em Vila Viçosa, vindo a falecer posteriormente, aos 29 anos, vítima de um distúrbio psiquiátrico.

Florbela então completa seus estudos primários na escola de Vila Viçosa em 1908 e no mesmo ano muda-se com a família para Évora, a fim de dar sequência a seu desenvolvimento intelectual no Liceu local. Na capital do alto alentejo, já na flor da adolescência, a poetisa era exímia frequentadora da biblioteca municipal da cidade e nesta mesma biblioteca, requisitava

literatura francesa e portuguesa, envolvendo-se também com a literatura decadentista do fim do século XIX, vindo a sofrer grande influência desta, como cita a doutora Renata Soares Junqueira:

> Na medida em que iam se acentuando as suas tendências intelectuais, Florbela ia lendo quase todos os grandes autores da literatura portuguesa, para, afinal, se deter nos principais nomes do fim de século - de Antônio Nobre e Antero de Quental a Eugênio de Castro -, que tanta influência havia de ter sobre o *Livro de mágoas e o Livro de Soror Saudade*. Mas, conheceu também, é claro, outras literaturas: Além de Balzac e Dumas, leu Flaubert e Victor Hugo, Paul Verlaine e Maurice Maeterlink, Goethe e alguma filosofia (Numa de suas cartas ela menciona Hegel e Nietzsche) - e aqui não falo senão de leituras básicas. (JUNQUEIRA, 1992, p. 21)

Aos 19 anos casa-se com Alberto Moutinho, que frequentou consigo o ensino secundário, e se muda com seu cônjuge para a aldeia de Redondo, localizada nos arredores de Évora, lá ministrando aulas de línguas em um colégio fundado pelo casal português.

Ademais, em 1916 a poetisa muda-se novamente para Évora, dando aulas de geografia, francês, inglês e história em um colégio particular, além de dar sequência em seus estudos secundários, a fim de posteriormente ingressar no curso de Letras, em uma universidade portuguesa. Acima de tudo, vale salientar que Florbela, apesar de possuir pai conhecido entre os monarcas portugueses e posteriormente pela sociedade republicana por ser exímio comerciante, nunca chegou a possuir condição financeira de destaque como outras escritoras portuguesas de seu tempo, todavia mesmo sem a estabilidade financeira e sempre dividindo seu tempo entre a produção artística, a docência e outras atividades, Florbela nunca deixou de produzir suas obras literárias, claro, como muitos artistas, possuindo seus momentos de maior e menor fluição artística, já que, antes de se mudar novamente para Évora, iniciou a composição de sonetos, quintilhas, quadras e histórias de curto enredo, agrupando-os em um caderno manuscrito chamado *Trocando olhares*, dedicado a seu primeiro cônjuge, representando um ótimo objeto de análise da estrutura lírica da poetisa alentejana.

> Esse Caderno, que é um dos cinco que hoje estão no espólio pertencente à Biblioteca Nacional de Lisboa, e que foi composto entre 1915 e 1917 e dedicado ao marido Alberto Moutinho, constitui, nas palavras de de Maria Lúcia Dal Farra, um 'verdadeiro objeto arqueológico, através do qual é possível reconstruir a pré-história da poesia de Florbela, os traçados de seus projetos anteriores à primeira publicação' (Dal Farra, 1988, p 93).(JUNQUEIRA , 1992, p. 21)

Em 1916, Florbela publicou poesias e contos em alguns jornais e revistas portugueses, todavia sem que houvesse grande atenção pela alta crítica literária, como veremos mais adiante nesta monografia.

> No ano de 1916, dois jornais de Évora e um de Lisboa: no *Noticias de Évora*, Florbela publica regularmente sonetos e outros poemas desde o princípio de julho até meados de setembro; em *A Voz Publica*, também de Évora, publica dez poemas entre julho e setembro; no Suplemento de Modas & Bordados do lisboeta *O Século*, publica, com menos regularidade, cinco poemas entre março e novembro. (JUNQUEIRA,1992, p.12)

Outrossim, em outubro de 1917, o par de docentes deslocou-se para Lisboa com o intuito de Florbela adentrar o curso de Direito, já que porventura veio a desistir da graduação de Letras que frequentava anteriormente. Já em Lisboa, os esposos passariam a ser amparados por suas respectivas famílias, por falta de recursos financeiros, residindo na casa de um grande amigo do pai da poetisa. Por diversos fatores e também pela decadência financeira, o casal viria a se separar, contudo viveram juntos até setembro de 1918.

Posteriormente, já separada de Alberto e antes de conhecer seu segundo marido, a poetisa viveu um período de liberdade na capital portuguesa, continuou a frequentar o curso de Direito, e, entre uma aula e outra, proseava sobre poesia com os colegas mais chegados, dentre eles o poeta Américo Durão, que inspirou a poetisa em seu segundo livro de sonetos, chamado *Soror Saudade.*

Mesmo diante de um contexto altamente patriarcal, Florbela era uma das poucas mulheres a frequentar o curso de Direito, o que lhe dava certo prestígio e admiração, ao passo que lhe trazia também olhares maldosos e desdenhosos por parte dos homens, que aumentaram com a publicação de seu primeiro livro, chamado *Livro de mágoas*, publicado em junho de 1919.

> Mundo que, diga-se sem rodeios, lhe pagava exactamente na mesma moeda principesca. Porque os senhores não imaginam a rudeza com que o comum das gentes recebeu a sua estreia poética. Com verdadeira hostilidade de unhas acesas, em que eu, por fortuna, não colaborei, graças a este meu bendito espírito de contradição a que devo tantos gozos de justiça involuntária.(…) Pelos comentários à margem e escólios imbecis, tendentes a frisar os ridículos e possidonices do texto, infere-se que, no bando, o único defensor Leonino de Florbela era eu. (FERREIRA, José Gomes. 1952)

Indubitavelmente, José Ferreira Gomes, colega de Florbela na graduação de Direito, referia-se a "bando", como a classe em que ele e a poetisa estavam inseridos na Universidade

Lisboeta, sendo ele talvez o único admirador dentro daquele grupo de estudiosos, orgulhosos demais por admitirem tão talentosa poetisa dentre eles. Todavia, nunca se deixando intimidar pela afronta masculina, a poetisa em seu tempo de solteira frequentava famosos cafés lisboetas e passeava pelas ruas da capital, isto antes de conhecer seu segundo marido, o alferes Antônio Guimarães, abandonando o curso de Direito por ele e casando-se em outubro de 1921.

O segundo matrimônio de Florbela foi sinônimo em dois aspectos com seu primeiro: as mudanças eram constantes, pois viveram em Matosinhos, nas cercanias do Porto, na quinta da Amadora e no bairro Lisboeta da Graça e também pela condição financeira inconstante. Ademais, Florbela, em vida, mesmo com a publicação de seu primeiro livro, nunca atingiu o meio dos altos literatos para que pudesse alcançar os olhares da alta crítica, todavia acrescente-se a falta de recursos financeiros da poetisa e que a alta crítica literária portuguesa do século XX era composta em sua grande maioria por homens que negavam a literatura feminina vigente, principalmente as obras florbelianas, que eram, para a época em vigor, consideradas demasiadas sensuais. Como veremos adiante, as escritoras aceitas pela sociedade patriarcal portuguesa compunham obras de viés controlado e pueril, e mesmo assim não recebiam a atenção da alta crítica literária, apenas dos leitores comuns.

> Curioso é que, embora nenhuma destas poetisas tenha sido tão boa quanto Florbela Espanca, obtiveram com relativa facilidade um sucesso editorial que Florbela, em vida, não chegou a ter. Muitas tinham, é certo, meios - que Florbela também não teve - para custear as sucessivas edições de suas obras (…) Para nenhuma delas, todavia, os bons êxitos junto ao mercado livreiro corresponderam a um sucesso semelhante junto à crítica, apenas se lhes dedicava a crítica fácil e melíflua das páginas literárias de certos jornais e revistas, e também de alguns cancioneiros da poesia feminina. (JUNQUEIRA,1992, p. 23-24.)

Seguiremos, então, a linha biográfica da poetisa eleita, que em 1923 publicou sua segunda obra, *Livro de Soror Saudade,* que também foi rechaçado pela crítica, segundo a tese da Doutora Renata Soares Junqueira: "Nem mesmo o L*ivro de Soror Saudade,* publicado em janeiro de 1923 com o auxílio do ator e dramaturgo Francisco Lage, serviu para tornar o nome de Florbela conhecido nos meios intelectuais". (JUNQUEIRA, 1992, p. 14).

Com seu casamento às ruínas, como escrevera ao pai em uma carta sem datação, Florbela separa-se de seu segundo marido e passa a viver com Mário Lage. Já ao anoitecer de 1923, muda-se definitivamente e permanece nas mediações onde seu terceiro cônjuge, médico e funcionário público, realizava seus afazeres.

> Em fins de 1923, Florbela abandona António Guimarães e passa a viver com Mário Lage, que viria a ser o seu terceiro marido. A poetisa fixa-se então definitivamente na província, mais precisamente em Esmoriz e Matosinhos, ao pé do porto, onde o marido era médico, subdelegado de saúde e secretário de turismo, e onde ela passaria os últimos sete anos de sua vida. (JUNQUEIRA, 1992, p. 14).

Em seus últimos anos de vida, Florbela fazia algumas reuniões com amigos intelectuais em sua casa, onde seus sogros e marido também moravam, e neste mesmo espaço veio a produzir de forma avassaladora seus grandes e últimos versos, que, apesar de um pouco esquiva quanto à sociedade literária ao seu redor e vice-versa, propalava seus versos como podia, em jornais em revistas. Ademais, convivera durante estes últimos anos, construindo relações com algumas outras escritoras, poetisas e editoras de revistas femininas, como veremos a seguir:

> Entre setembro de 1925 e maio de 1929 publicou oito sonetos e um conto no jornal *Dom Nuno* , de Vila Viçosa. No ano de 1930, colaborou regularmente com a revista mensal *Portugal Feminino, de Lisboa:* de março a novembro, foram ali publicados seis sonetos, dois contos e ainda a bucólica "Carta da Herdade", onde se descreve a charneca alentejana. A diretora e proprietária da revista, Maria Amélia Teixeira tornou-se amiga da poetisa e convidou-a a frequentar a sua casa que, naquela altura, era já frequentada por outras colaboradoras - Alice Orgando, Oliva Guerra, Fernanda de Castro, Maria de carvalho e Laura Chaves, dentre outras. (JUNQUEIRA 1992, p. 15).

Inesperadamente, em 1927, Florbela veio a sofrer uma grande perda, que a abalaria irreversivelmente, até o momento de sua morte. Seu irmão, Apeles Demóstenes da Rocha Espanca, veio a falecer em um acidente de avião. Tal acontecimento marcou a poetisa, fazendo com que ela escrevesse. Mesmo que fosse excelente tradutora, da língua francesa para a língua portuguesa, de romances voltados para o público feminino e requisitada por editora para tal trabalho, não houve grandes ganhos financeiros para Florbela em seus últimos anos de vida.

> De resto, os últimos anos da poetisa não foram de desafogo financeiro, embora o marido tivesse cargos respeitáveis na província. Nos anos de 1926 e 1927, Florbela chegou a trabalhar em traduções de romances franceses de terceira categoria, que lhe eram encomendadas pela Livraria Civilização, do Porto (JUNQUEIRA, 1992, p. 15).

A perda de seu querido irmão, sua anonimidade como autora, mesmo dissertando em carta acerca de seu desdenho em relação ao não sucesso de suas publicações, colaboraram para a condição financeira desfavorável.

> Tudo desdenhei: as homenagens baratas e os clamores de rebanho. Enchi o meu gabinete de trabalho de livros bons, a minha vida moral

> com a minha arte, a meu gosto, sem me preocupar com o sucesso, com o mercado, com a publicidade, coisas imprescindíveis a quem quer vencer, e rodeei-me numa dúzia de amigos fanáticos cuja admiração me orgulha e me faz bem. (*Obras Completas de Florbela Espanca*, p. 95-96).

Todos estes fatores fizeram com que a poetisa, pouco a pouco, desmoronasse sobre si própria, aumentando sua melancolia e se isolando na composição de seus versos e suas prosas, sendo vítima do contexto em que vivia, das atrocidades que a acometeram, de seus distúrbios psicológicos, das perdas e. por fim, transfigurando-se até o final em arte, romantizando sua própria morte.

> Quanto a Florbela, além da presença persistente da ideia de morte nas últimas cartas que escreveu ao italiano Guido Battelli, temos o depoimento de Aurora Jardim que conta ter estado 'num dos chás em que [Florbela] reunia escritores, artistas, médicos, músicos e senhoras amigas, no seu engraçado escritório de Matozinhos', onde a anfitriã lhe apontou uma gaveta e confessou: '- Olhe, está aqui oveneno que, para sempre, me há de adormecer. ' [JARDIM, A. *Florbela Espanca*. Eva (Lisboa), p. 42, nov. 1944.] (JUNQUEIRA,1992, p. 44)

Nossa poetisa eleita, dona de tantos corações e amante irrefreável da vida e da morte, veio a falecer, suicidando-se com uma overdose de veronal, aos 35 anos, algumas horas antes de seu aniversário, deixando um legado poético desconhecido, até então, para trás, todavia imortalizada em seus versos e sua prosa como uma das maiores poetisas da Língua Portuguesa.

2.1 A POETISA ALÉM DE SEU TEMPO NUM CONTEXTO PATRIARCAL

"Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher." (BEAUVOIR 1970, p.84). Desde o início da formação das sociedades modernas, a mulher ocupa um papel inferior na hierarquia social, ela é submetida aos homens, tratada como um objeto, prisioneira de seu próprio corpo e de suas características biológicas. Inegavelmente, o homem a impôs a este papel, relegou todas as suas características pessoais, transformando-a em um objeto do coletivo, Presa a este mundo onde está alienada ao macho.

> Ora, a mulher sempre foi, senão a escrava do homem ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado handicap. Em quase nenhum país, seu estatuto legal é idêntico ao do homem e muitas vezes este último a prejudica consideravelmente. Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta. (BEAUVOIR, 1970, p. 14).

Ao longo dos séculos, até a contemporaneidade, a sociedade patriarcal oprimiu as mulheres de diversas formas, o que contribuiu para que seu fim subjetivo e sua realização como existência dotada de individualidade lhes fossem negados. As mulheres eram consideradas inferiores, tanto intelectualmente como fisicamente e até espiritualmente. Como eram consideradas como inferiores – erroneamente, vale salientar – cabia a elas apenas a maternidade e a servidão. O homem tudo podia, poderia ser e fazer o que bem entendesse, tinha a lei a seu favor. O homem poderia, conclui-se, realizar-se em si, sua existência plena, a felicidade subjetiva era simplesmente alcançada pelo fato de ser homem.

E, se eventualmente as mulheres se opõem à sociedade opressora que as cerca, são massacradas e estratificadas, excluídas do social, demonizadas pelas instituições religiosas e até mesmo há uma certa tendência à criação de rumores novelescos, criados pelos seres massificados, unos ao patriarcado, para desqualificar tais mulheres revolucionárias, que ousaram opor-se ao todo.

Florbela era, em seu vigente contexto, e ainda é por alguns leitores leigos, vista como uma destas mulheres ruidosas para com o tecido social, divergindo da massa, ousando elevar, no caso da poetisa, a arte a um nível superior, apraz sensual, expondo sua real visão de mundo acerca do que se passava ao seu redor, vislumbrando os grandes, médios e mínimos detalhes interiores e exteriores a si de forma antagônica ao que se esperava da mulher no século XX e sendo erroneamente julgada por tal ato, como uma *gaja* qualquer, pífia e com ideais incestuosos relacionados a seu irmão. Em síntese, tudo o que foi visto acima, principalmente acerca da mulher alentejana fora de seu tempo, será aprofundados nas páginas sequentes. "Não se parcela a liberdade: a mulher livre, sê-lo-á amiúde contra o homem." (BEAUVOIR, 1970, p. 236.). Nesse ínterim, não só Bela como também muitas escritoras, de diversos contextos divergentes, sofreram, enleadas no mundo literário patriarcal.

> Há uma exigência do homem que força a mulher à duplicidade: ele quer que ela seja sua e que lhe permaneça estranha, deseja-a como escrava e feiticeira a um tempo. Mas é somente o primeiro desses desejos que demonstra publicamente; o outro é uma reivindicação sorrateira que dissimula no segredo de seu coração e de sua carne. Ela contesta a moral e a sociedade; ela é má como o Outro, como a Natureza rebelde, como a "mulher má" (BEAUVOIR, 1970, p. 234).

A poetisa, sim, casou-se e, como muitas mulheres do século XX, foi obrigada a ser inserida na estrutura social patriarcal. Contudo, apesar dos casamentos sequentes, e criticada acerca do número de cônjuges que possuiu, nunca concordou com a instituição do casamento, aceitando-a talvez para agradar a família, além de tentar se inserir levemente no tecido social a que era deveras obrigada, para se juntar ao meandro literário permeado por homens.

Ademais, Florbela escreveu em carta dirigida a Júlia Alves que o *"casamento é brutal como a posse é sempre brutal".* (*Obras completas de Florbela Espanca,* v. 5, p. 130.) Tal afirmação exposta em carta já denota que a mulher à qual nos referimos nesta monografia decerto era à frente de seu tempo, ousando enfrentar o patriarcado face a face.

> Só nos arraiais *deste diletantismo intelectual but-doré* queimam incensos pela sua extravagância. A sua estreme feminilidade é insensível a rupturas engendradas pelas crises do discurso lógico masculino. O Orfheu, as Presenças intranquilizam os patriarcas do soneto? Simulação de diferenças a cobrirem o cerne do mesmo. Sacerdotisa do Eterno Feminino, Florbela automarginaliza-se desses vanguardismos que parecem desmanchar as antiguidades poéticas. (CORREIA, 1981, p. 12)

Bela, sim, possuiu amores e desamores, escrevendo poesias, algumas destas dedicadas a seus cônjuges, porém disposta sempre a expressar-se contrária ao que se instaurava ao seu redor, principalmente nas obras escritas em seus últimos anos de vida. Vítima do patriarcado e absorvida em parte por ele, nunca deixou de sabotar em suas obras o masculino avassalador que a rodeava, sensualizando o que nunca fora sensualizado, rompendo as trincheiras em um mundo literário patriarcal, trincheiras estas demasiadas cortantes para aquelas que tiveram coragem de as romper. Eventualmente, confidenciando com amigas em cartas, as odiosas leis patriarcais que regiam o século XX:

> Logo do primeiro dos seus três casamentos, Bela dá desconsoladas notícias à sua amiga Júlia Alves. Confidencia-lhe numa carta (30-06-1916) a repugnância que o corpo essencial da sua castidade sente perante a posse: 'O casamento é sempre brutal como a posse é sempre brutal, sempre…' (...)'Só para as mulheres, as tais mulheres mais animais que espirituais, é que o casamento não é a desilusão de sempre.' Esta repulsa vestálica de Florbela por um acto que a faz descer às baixas regiões da animalidade é repetidamente transmitida à amiga com quem se abre num à vontade de gineceu. (CORREIA, 1981, p.13).

Florbela grita em seu interior, cercada por um mundo onde lhe eram ofertados o comum, o animalesco e fútil que as outras de seu tempo aceitavam e que interiormente rechaçava.

> Noutra carta, datada de 1.º de julho de 1916, a poetisa volta a desabafar com Júlia Alves a sua penalização de maridada: 'Acho o casamento uma coisa revoltante! E isto por uma única razão, mas que para mim é tudo, para mim e para aquelas mulheres que não são apenas fêmeas: para todas as delicadas, para todas as que têm pudor, espírito e consciência. Essa razão é a posse, essa suprema e grande lei da Natureza que, no entanto, revolta tudo quanto eu tenho de delicado e bom no íntimo de minha alma.' (CORREIA, 1981, p. 15)

Florbela repudiava a instituição do casamento, revoltada com o ato de não poder adejar sobre o mundo, vislumbrando tudo que lhe aprazia, cercada por machos que sempre a enleavam em cerca mortífera, porém fator este nunca fatal para sua poesia.

Acrescentando-se que, no prefácio do seu último livro escrito em vida, *O diário do último ano,* prefácio este escrito por Natália Correia, tem sua identidade poética metaforizada à deusa Ártemis, sendo a deusa da lua, da caça e dos animais selvagens, além de ser cultuada por aliviar doenças femininas. Surge neste momento oportuna indagação: Com que intuito Florbela foi atrelada à deusa Ártemis?

Sem que esta monografia ultrapasse os limites da literariedade e esbarre, por conseguinte, na esfera da teologia, discorremos de forma sucinta, tratando apenas da grande poetisa e da sinonímia feita por Natália Correia. Retomando à pergunta feita anteriormente: O porquê de atrelar-se Florbela à Ártemis? Acima de tudo, precipuamente, Florbela e Diana compartilham do labor antagônico de perpetuar certas características que concretizam tanto a poesia de Florbela, quanto o Real feminino.

> O atributo venatório ilumina o ser mitológico de Florbela. Nele contracenam os predicados contraditórios de Diana: Virgindade e morte; treva e luz; sedução e castidade; infecundável e fecundante, enquanto propiciadora de esponsais e partos. A integridade da luminosa exige o extermínio da virilidade que a solicita; que ameaça a castidade da incorruptível em que reside a plenitude da essência feminina. A crueldade do virgo divino arma o braço da caçadora de desejos animais. Vara-os com as suas flechas. Priva-os do instrumento sacrilégio da sua pretensão de quererem possuir uma deusa. (CORREIA, 1981, p.17)

Já que Bela, por vezes, exaltava os machos, ora rechaçava-os. Em sua poesia era, ao mesmo tempo, presa e caçadora, jogava-se aos pés do masculino para depois então desdenhar do próprio.

> A dualidade sedução-castidade é demasiadamente flagrante na poesia de Florbela para que não reforce este enfoque dianesco da sua insasiabilidade nocturna; o regime lunar regula a alternância incessante das inclinações descendentes e ascendentes do seu temperamento:
>
> 'E a noite sou eu própria! A noite escura.' As metamorfoses apoderam-se do seu contorno lunar. Ora chama: o lume dos desejos em que incinera a degenerescência genital do princípio masculino para que ele renasça espiritualmente das cinzas. (CORREIA, 1981, p.18).

A poetisa eleita mesclava-se à sociedade machista, para então desdenhar dela, deleitando-se na vigia da caça que eram, para ela, os homens, incluindo-os em seus versos e rejeitando-os em insensato desdenho, sendo, no melhor sentido que esta figuração pode alcançar para o feminino concreto, caçadora em pele de cordeiro. Amando e sendo amada, caçando enunca sendo caçada ou, talvez, fingindo ser a caça.

> A infantazinha chegada da quietação solarenga de Vila Viçosa solta seus belezos de jovem feiticeira em Évora. Exercita-os no meio estudantil, cobrando galanteios e serenatas por suas factícias poses de sedutora. Remira-os na magia do luar que ilumina o Templo de Diana. Florbela reconhece o lugar sagrado onde os desejos carnais eram degolados da personagem mítica que desempenha. O estudante que a virgem feroz atraiu ao seu covil cobiça-lhe um beijo. Bela enflora-se dos encantos vitoriosos da mulher intangível. Esquiva-se à carícia que o afogueado jovem lhe em esgares de lubricidade plebeia. (CORREIA, 1981, p. 21).

Em suma, discorreremos objetivamente à indagação supracitada. Florbela e Diana compartilhavam da persona antagônica à esfera em que se inseriam, ora mesclando-se a tal derredor para dele desdenhar, no caso de Florbela, já no mito de Diana não cabe nesta monografia um aprofundamento teórico.

Como se não bastasse, após sua morte, Florbela foi demonizada, como os deuses pagãos também o foram, e malfalada em diversos artigos, escritos por membros do clero e também por críticos inferiores, que leram em sua poesia o que seus olhos, fadados a uma visão contextualizada no patriarcado português, permitiam.

> A história da crítica florbeliana não tem sido sempre, desde o seu principio, uma história de nobres feitos.(...)Apenas alguns demonstraram aptidão à verdadeira crítica literária. Na verdade, as centenas de textos que sobre Florbela podemos encontrar em diversas bibliotecas e arquivos portugueses são, em sua maioria, insípidos e caracterizam-se essencialmente por uma visão ingênua e simplista da vida da poetisa como único referencial de sua obra. JUNQUEIRA, 1992, p. 27).

Claro, como foi citado no primeiro tópico desta monografia, vale salientar que, como supracitado na tese da doutora Renata Soares Junqueira, encontram-se mais críticos preocupados apenas com a visão em relação à imagem artística de Florbela, criando muitas mentiras acerca da poetisa ao longo de seus artigos mal escritos. Todavia, é essencial que, antes de falarmos dos males da crítica, vale citar aqueles que elevaram a poetisa, através de seus textos, à altura de literata que merecia.

> Celestino David, eborence e membro do chamado *Grupo pró Évora*, lançou em jornais, em fins ainda de 1930, a ideia de um busto para Florbela Espanca no Jardim público da cidade, monumento que seria, na opinião desse defensor de Évora em particular e do Alentejo em geral, justíssima homenagem à poetisa recentemente falecida. (…) A ideia do busto foi muito bem recebida pelas escritoras Laura Chaves, Fernanda de Castro e Tereza Leitão de Barros, que em 27 de fevereiro de 1931 manifestaram no mesmo jornal a sua vontade de organizar uma lista de assinaturas em prol do desígnio de Celestino David. No dia seguinte a essa manifestação das escritoras, António Ferro publicava, na primeira página daquele mesmo diário, o seu artigo intitulado 'Uma Grande Poetisa Portuguesa'. (JUNQUEIRA, 1992, p. 30).

Posteriormente a tal pedido de glorificação, tanto uma crítica às alturas da poetisa se formou, quanto surgiram artigos banais, que, em resumida análise, se antagonizavam à vontade dos amantes e das escritoras que defendiam a colocação do busto da poetisa recém-morta. Vejamos por conseguinte:

> Da parte da crítica séria e idônea não houve nenhuma reação imediata ao artigo de António Ferro; por outro lado, a cúria de Évora contestou energeticamente a idéia da colocação do busto em praça pública, de modo que a homenagem à poetisa foi forçosamente suspensa e a obra de Diogo de Macedo foi parar no Museu Regional da capital alentejana. Segundo nota oficiosa redigida pelo arcebispo daquela localidade, ' Merecem compassiva lembrança as infelicidades da discutida poetisa, é indiscutível o seu estro, mas a obra que deixou não pode merecer a aprovação da Igreja, a qual por conseguinte não pode associar-se à sua glorificação. (JUNQUEIRA, 1992, p.32).

Exaltada pelos que reconheciam que a tal poetisa estava à frente de seu tempo, e rechaçada pela Igreja católica, que açoitava Florbela por seus sonetos sensuais, eróticos e demasiados impuros para que se encaixassem nos moldes religiosos. "Certamente não agradavam à Igreja sonetos de índole pessimista, narcisista ou erótica, mas suspeitamos que a desagradava sobretudo a personalidade transgressora e suicida de Florbela Espanca." (JUNQUEIRA, 1992, p. 31). Bela, ao lado de Judith Teixeira, foi umas das poucas que ousou antagonizar, através de sua arte, a vigente cultura cerceadora do feminino, sendo mulher concreta e ameaça para a estrutura social que vira nela uma vilã. Para finalizar tal tópico, vale citar o poema "Volúpia":

Volúpia

No divino impudor da mocidade,
nesse êxtase pagão que vence a sorte,
Num frêmito vibrante de ansiedade,
Dou-te meu corpo prometido à morte!

A sombra entre a mentira e a verdade…
A nuvem que arrastou o vento norte…
-Meu corpo! Trago nele um vinho forte:
Meus beijos de Volúpia e de Maldade!

Trago dálias vermelhas no regaço…
São os dedos do sol quando te abraço,
Cravados no teu peito como lanças!

E do meu corpo os leves arabescos
Vão te envolvendo em círculos dantescos
Felinamente, em Voluptuosas danças…
(ESPANCA, 2007, p. 80).

3 HOUVE INTELOCUÇÃO ENTRE FLORBELA E JUDITH TEIXEIRA?

É imprescindível ressaltar que, em termos gerais, inúmeras barreiras se instituíram ao longo dos séculos para a determinação das mulheres como sujeitos concretos, donos de si mesmos, que agem sobre seu próprio julgo e fazem suas próprias escolhas no tecido social. Outrossim, tais barreiras impediram que as mulheres alcançassem todos os meandros da sociedade e, além disso, também dificultaram o acesso à arte e a outras formas de manifestações culturais, que no cerne da sociedade patriarcal, vale salientar, foram preenchidas substancialmente por homens. Ademais, apesar de o século XX ser uma época de grandes conquistas por parte do feminismo, ainda assim as mulheres sofreram fortemente para se estabelecerem como indivíduos dotados de concretude, já que há aquelas que ousaram se interpor no meio que lhes foi negado ou que o fizeram de forma abrupta, trazendo à tona temas que antes eram vistos como inapropriados, sobraram-lhe apenas discórdias sociais e malfado.

Por conseguinte, em um Portugal que batia às portas da república, em 1910, e até mesmo posteriormente à democracia, não houve mudanças significativas que facilitassem a expressão do feminino no todo, o que não impediu de algumas mulheres exemplares, mais uma vez, conquistarem aquilo que já lhes pertencia por direito, a liberdade, seja no verso, na prosa, na política ou em quaisquer outras áreas que não caibam nesta monografia.

> O contexto social da época revela um país que, embora comece a respirar os ares da modernidade de um novo século, ainda é adepto de uma moral cristã fortemente marcada pelo preconceito. O panorama político não é menos adverso: a Ditadura é bastante rígida, impondo cortes parciais ou proibindo completamente livros que "ofendam" a moral cristã com a qual se identifica o Estado Novo ou que perturbem os valores políticos e filosóficos em que o regime se alicerça. No entanto, é nesse contexto que as mulheres dedicadas à poesia começam a conquistar seu espaço, deparando-se muitas vezes com o desprezo e a ironia de diversos críticos e escritores desse período. (MAGALHÃES, 2010, p. 1).

Sem qualquer tentativa de menosprezar quaisquer escritoras citadas nesta monografia, iremos analisar, neste tópico, uma possível interlocução entre Florbela e Judith Teixeira, que em muitos aspectos foram sinônimas em sua produção artística. Além do que foi supracitado, é importante observar como as escritoras desenvolveram seu conteúdo artístico.

> A produção poética de Virgínia Victorino, por sua vez, distancia-se da de Florbela Espanca exatamente por não abordar o tema, da sensualidade amorosa, estando presa aos modelos da poesia feminina permitidos na época. Além da questão temática, outro fator aproxima Florbela Espanca de Judith Teixeira e, por conseguinte, afasta-a de Virgínia Victorino: trata-se da recepção da crítica em relação às obras dessas escritoras. (MAGALHÃES, 2010, p. 2).

Judith Teixeira, contemporânea de Florbela Espanca, escreveu três livros de poesia. Merece destaque seu primeiro livro, *Decadência*, escrito em 1923 e considerado por muitos críticos como sua obra-prima. Já em 1923, Judith Teixeira ousa desafiar os preceitos morais de sua época, trazendo ao público poesias de cunho lésbico e erótico, o que de praxe para época causou espanto no meio literário português do século XX. Um grande exemplo desta temática é o poema "A minha amante":

Dizem que eu tenho amores contigo!
Deixa-os dizer!...
Eles sabem lá o que há de sublime,
nos meus sonhos de prazer...

De madrugada, logo ao despertar,
há quem me tenha ouvido gritar
pelo teu nome...

Dizem – e eu não protesto –
que seja qual for
o meu aspecto
tu estás
na minha fisionomia
e no meu gesto!

Dizem que eu me embriago toda em cores
para te esquecer...
E que de noite pelos corredores
quando vou passando para te ir buscar,
levo risos de louca, no olhar!

Não entendem dos meus amores contigo−
não entendem deste luar de beijos...
− Há quem lhe chame a tara perversa,
dum ser destrambelhado e sensual!
Chamam-te o gênio do mal –

o meu castigo...
E eu em sombras alheio-me dispersa...
E ninguém sabe que é de ti que eu vivo...
Que és tu que doiras ainda o meu castelo em ruína...

Que fazes da hora má, a hora linda
dos meus sonhos voluptuosos –
Não faltes aos meus apelos dolorosos...
− Adormenta esta dor que me domina!
(TEIXEIRA, 2015, p. 82-83)

Decerto, nota-se que ambas não só possuíam temáticas sinônimas, como também eram preteridas pela alta crítica, que desconsiderou a obra de ambas em seu contexto. Tais características sinônimas, relativas às obras de tais poetisas, colocam em pauta uma possível interlocução.

> O tom exaltado dessa crítica revela o choque entre as normas morais que imperam em Portugal no início do século XX (especialmente no que se refere ao papel feminino na sociedade) e o horizonte de uma obra (escrita por mulher) em que o eu lírico feminino afirma-se como sujeito no jogo de sedução. (MAGALHÃES, 2010, p. 8).

Em primeira análise, levando em consideração apenas os fatores temáticos, poderíamos pressupor que houve uma interlocução entre as poetisas. Entretanto, não há cartas, livros ou quaisquer outras fontes bibliográficas que comprovem uma relação entre Florbela Espanca e Judith Teixeira, apesar de haverem produzido obras sinônimas em muitos aspectos temáticos. Em suma, podemos afirmar que Florbela e Judith Teixeira lutaram separadas pela libertação das mulheres através da expressão do lírico e acabaram unidas por suas obras, que as distanciam de Laura Chaves, Virgínia Victorino e outras escritoras que foram suas contemporâneas.

> Diante das informações colhidas sobre a produção literária de Florbela Espanca e das suas contemporâneas, podemos concluir que, embora haja alguns traços em comum, a poesia de Florbela Espanca distancia-se da poesia das outras escritoras (que, em geral, mantêm-se fiéis ao modelo feminino construído e consagrado pela tradição histórico-literária), apresentando uma imagem ligada à sensualidade. Tal característica aproxima-a da escritora Judith Teixeira que, assim como Florbela Espanca, representa uma exceção, uma fuga à regra imposta pela moral da Igreja e da sociedade portuguesa da época, o que não nos permite, contudo, afirmar a existência de uma interlocução direta nessa relação. (MAGALHÃES, 2010, p. 14).

4 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS OBRAS DE FLORBELA NO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO

Muitos teóricos e críticos literários dividem opiniões acerca da posição que Florbela Espanca ocupa em relação à miríade de escritores de sua época, não havendo um consenso geral se a poetisa eleita pertence ao Decadentismo, ao Neorromantismo ou até desenvolve suas obras com características que não se encaixam em nenhuma escola literária em voga no seu contexto. A Doutora Renata Soares Junqueira, por exemplo, defende a proposta que a obra em prosa de Florbela possui uma estética teatral que pode aproximá-la a modernistas, tais como Mário de Sá Carneiro e Almada Negreiros.

> Em Portugal, o Modernismo gera casos notáveis de histrionismo e de exibicionismo a serviço do gosto da "encenação": em última análise, os manifestos provocativos de Almada Negreiros não são muito mais aparatosos que as estudadas poses de Mário de Sá Carneiro e - por que não incluir o seu nome neste rol? – de Florbela Espanca. (JUNQUEIRA , 2000, p. 43).

Ora, não é de se espantar com tamanha complexidade com que a crítica se depara ao lidar com a obra de Florbela Espanca, que desenvolve seus versos de forma esplêndida, trespassando sonetos, quadras, quintilhas e a prosa com exímia habilidade. Outrossim, tal complexidade leva talvez a uma grande liquidez na obra florbeliana como um todo, podendo ser inclusa, ao início de sua obra poética, no Decadentismo e passando também pelo Neorromantismo em seu último livro de poemas.

Em síntese, a vida e a obra de Florbela Espanca tèm importante papel para o desenvolvimento intelectual e social dos leitores contemporâneos, visto que sua poesia é dotada de uma complexidade única, estando entre o Decadentismo e o Modernismo Português

5 CONCLUSÃO

Conclui-se, portanto, que Florbela da Conceição Espanca foi uma das maiores poetisas da Língua Portuguesa e desenvolveu grande obra poética dotada de tamanha complexidade para seu contexto. Ademais a poeta foi confrontadora do patriarcado em sua expressão artística e contribuiu de forma grandiosa para o rompimento das barreiras patriarcais de seu tempo, levantando debates sobre o aspecto de sua arte. A contemporaneidade, em suma, ainda necessita dos versos da poetisa eleita, não só para o seu desenvolvimento intelectual, como também para que possa romper com o patriarcado ainda estabelecido em nossa sociedade. Além disso, em última instância, seus leitores também desenvolverão uma consciência mais humanitária sobre as mazelas que não afligem somente os poetas.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

ESPANCA, Florbela. **Sonetos**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2007.

ESPANCA, Florbela. **Poemas de Florbela Espanca**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JUNQUEIRA, Renata Soares. "A Estética da Teatralidade: Leitura da Prosa de Florbela Espanca." Orientador: Haquira Osakabe. 2000. 210 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Campinas, Campinas, 2000.

TEIXEIRA, Judith. **Poesia e prosa**. Alfragide: Dom Quixote, 2015.